



LIBERDADE PEQUENA¹: memórias no Colégio Júlio de Castilhos do período da ditadura civil-militar (Porto Alegre-RS)

LUCIANA VIVIAN DA CUNHA*

Introdução

O presente estudo diz respeito a uma importante escola que se destacou no cenário da educação pública do Estado do Rio Grande do Sul, principalmente ao longo do século XX, trata-se do “Julinho” nome pelo qual ficou conhecido.

A fundação do Colégio Estadual Júlio de Castilhos data no dia 23 de março de 1900, junto à Escola de Engenharia de Porto Alegre, intitulado-se de Gymnasio do Rio Grande do Sul.

Em 1905, o estabelecimento passou a designar-se Instituto Gymnasial do Rio Grande Do Sul. Em 1908, a Escola de Engenharia, prestando homenagem a Júlio Prates de Castilhos³, denomina o estabelecimento com o nome Instituto Gymnasial Júlio de Castilhos. Com a demanda crescente de alunos, no mesmo ano, o Engenheiro Manoel Itaquí projeta um imponente prédio para a Instituição.

Com o regulamento expedido pela Escola de Engenharia no dia 24 de março de 1923, passou-se a nomear Instituto Júlio de Castilhos. Em 1942, foi criado o Colégio Estadual Júlio de Castilhos, sendo ministradas as disciplinas do Curso Ginásial e dos Cursos Clássico e Científico. Em 1943, são constituídas as primeiras turmas femininas no Colégio e é criado o Grêmio Estudantil Júlio de Castilhos. Em 1947, forma-se o Centro de Professores Júlio de Castilhos.

No mês de novembro de 1951, um incêndio de causas desconhecidas destrói completamente o prédio do Colégio. No dia 29 de junho de 1958, o novo e atual prédio do

¹ Referência à poesia: “Dois e dois: quatro” de Ferreira Gullar (1966).

*UNISINOS, Mestre em Educação.

³ Júlio de Castilhos, em 1891, foi eleito pela Assembleia Estadual o primeiro Presidente do Estado do Rio Grande do Sul após a proclamação da República, no mesmo ano, ele redigiu o projeto da Constituição Gaúcha, baseada nos princípios positivistas.

Colégio foi entregue à comunidade, localizando-se na Avenida Piratini, do Bairro Santana da cidade de Porto Alegre.

A opção pelo Colégio deu-se considerando a importância dessa instituição e o histórico engajamento de seus professores e alunos em questões políticas e sociais⁴, não só na capital do RS, mas em todo o contexto educacional gaúcho.

Dessa forma, este estudo pretende contribuir com a construção de uma possível história do Colégio Júlio de Castilhos, especificamente do período da ditadura civil-militar⁵, conferindo assim, uma identidade cultural e educacional, uma interpretação do itinerário histórico dessa instituição. (MAGALHÃES, 1996).

Esta pesquisa analisa relatos de quatro ex-professoras do Colégio, que exerceram a docência no Julinho no período da ditadura civil-militar, lecionaram na escola por quinze, vinte anos e retornaram após a sua aposentadoria como voluntárias. Essas professoras trabalham semanalmente na Fundação, em prol do Colégio, assim seus relatos foram importantes para compor esta história. Cabe ressaltar o significado especial que o Colégio tem na constituição da história profissional dessas professoras, visto que não é comum encontrarmos professoras atuando dentro de seu local de trabalho, após a sua aposentadoria, mais raro ainda a criação de uma Fundação⁶ em busca de melhorias para o local. Segundo Bosi (1995, p.60), para o adulto ativo,

vida prática é vida prática, e memória é fuga, arte, lazer, contemplação. É o momento em que as águas se separam com maior nitidez.

⁴ Essa informação baseia-se em documentos com cunho militantes encontrados no acervo da escola bem como no expressivo número de alunos desse estabelecimento que assumiram papel de destaque na sociedade gaúcha como políticos, repórteres, líderes sindicais entre outros. Nesse âmbito pode-se citar: Luiz Eurico Lisboa, Nilton Rosa, Luciana Genro, Moacyr Scliar, Paixão Côrtes, Lasier Martins, Tânia Carvalho, entre outros.

⁵ Essa expressão vem sendo cada vez mais utilizada para designar o período, por reconhecer a participação e o apoio de civis, de diferentes áreas, tanto na deflagração quanto na manutenção do regime, ver, por exemplo: FERREIRA, Jorge (2008). “O governo Goulart e golpe civil-militar de 1964”. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida N. (Orgs.). *O Brasil republicano 3: o tempo da experiência democrática*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, pp. 343-404.

⁶ A Fundação de Apoio ao Colégio Estadual Júlio de Castilhos é instituída e composta por alunos, ex-alunos, ex-professores e funcionários e ex-funcionários do Colégio, criada no ano 1999. A Fundação é uma instituição sem fins lucrativos que tem entre suas finalidades a de colaborar no desenvolvimento e aprimoramento do ensino, conservar e divulgar a história da Instituição, buscando assegurar boas condições de estudos aos atuais alunos.

Bem outra seria a situação do velho, do homem que já viveu sua vida. Ao lembrar do passado ele não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida.

Assim, o estudo desenvolvido analisa determinadas práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores do Colégio Júlio de Castilhos na década de 1970 e as possíveis repercussões dessas práticas em um contexto de repressão produzido pela ditadura, trata-se de uma investigação advinda da dissertação com a mesma intitulação deste artigo.

O presente estudo é produzido com base na História Cultural, visto que essa “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.” (CHARTIER, 2002, p.16- 17).

O ato de lapidar memórias e História Oral

Nossa memória permite que rememoremos constantemente fatos que já vivenciamos, Sarlo (2007) afirma que a lembrança insiste, pois de certo modo é soberana e incontrolável. Contudo, a memória não nos concede que tais lembranças sejam sempre as mesmas, pois olhamos para o passado com os olhos do presente. Segundo Amado (1995, p.132),

ao trazer o passado até o presente, recria o passado, ao mesmo tempo em que o projeta no futuro; graças a essa capacidade da memória de transitar livremente entre os diversos tempos, é que o passado se torna verdadeiramente passado, e o futuro, futuro, isto é: dessa capacidade da memória brota a consciência que nós, humanos, temos do tempo.

Como já mencionado, as memórias de quatro ex-professoras do Colégio Estadual Júlio de Castilhos da década de 1970 são documentos que auxiliaram a construção deste estudo. A formação do grupo de professoras inseridas na pesquisa constituiu-se no decorrer do tempo em que as entrevistas eram realizadas.

A primeira professora entrevistada foi a professora Ione Osório, uma vez que se percebeu o potencial da professora em participar desse estudo, então contactou-se a professora, convidando-a a participar da pesquisa. No primeiro contato com Ione, questionou-se se era do conhecimento dela, outra professora que havia atuado na escola no período ditatorial, dessa forma foi mencionada a professora Ruth Bulhões.

A professora Ruth ao longo do seu relato mencionou diversas vezes a professora Neiva, visto que ambas desenvolveram projetos juntas no final da década de 1970, casualmente, ou não as três professoras atuam na Fundação do Colégio como voluntárias, o que facilitou o contato com elas.

A professora Ilse foi convidada a participar da pesquisa ao ser citada na entrevista da professora Ruth, pois as duas ingressaram no Colégio no mesmo período, a professora Ilse não participa da Fundação, mas continua frequentando o Colégio, participando de uma oficina de Inglês oferecida na escola.

O quadro 1 apresenta dados coletados ao longo da realização das entrevistas.

Quadro 1: Relação dos sujeitos da pesquisa

| Entrevistada | Formação | Período de trabalho no Colégio |
|---------------------|--|---------------------------------------|
| Ione Osório | História | 1975 -1988 |
| Ruth Bulhões | História Natural (Biologia) | 1971 – 1994 |
| Neiva Schäffer | Geografia (Mestrado em Arquitetura) | 1969 – 1986 |
| Ilse Lindemann Hahn | Biologia | 1971 – 1995 1997 – 2011 |

Fonte: Elaborado pela autora (2015).

Observou-se que as entrevistas fossem guiadas pelos objetivos da pesquisa, priorizando desta forma a qualidade, valorizando as lembranças e as vivências do período da ditadura civil-militar no Colégio de cada sujeito. (ALBERTI, 2005, p.31).

Nesse sentido, as questões foram elaboradas, com o intuito de iniciar a narrativa sobre o período estudado. A primeira questão já instigava as entrevistadas a relatarem suas vivências, incluindo as demais. Algumas intervenções eram feitas pela pesquisadora, a

medida que as narrativas iam se desenvolvendo, uma vez que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho.” (BOSI, 1994, p.55).

Lapidar as memórias de outrem em meio a tantos relatos, emoções, sensações e lembranças fundamenta este estudo, foi a partir das narrativas do que foi vivido em um passado não tão longínquo, que quatro professoras sentadas em uma cadeira no mesmo cenário profissional da década de 1970, revisitaram suas lembranças e as externalizaram no presente. Revelaram-me as suas memórias, construindo suas lembranças através da voz e das palavras.

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas como também empurra, ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço da consciência. (BOSI, 1994. p.46-47).

Pollak (1992) argumenta que, *a priori*, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa, suposição considerável se cogitarmos a individualidade das lembranças, do ato de lembrar, no entanto, ao longo de uma entrevista percebemos o envolvimento com o outro, o aporte nas recordações dos demais envolvidos na situação. A composição das memórias do indivíduo, portanto, é feita com o meio social, com o coletivo, como destacado por Halbwachs (1990, p.25):

Nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre as dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias [...]

Halbwachs (1990, p.26) diz que nunca estamos sós, nossas lembranças são coletivas, uma vez que nossas lembranças são compartilhadas, lembradas mesmo quando não estamos presentes na situação de recordação, ou seja, não se faz necessária a presença física dos indivíduos ou dos objetos para serem recordados. Assim, a composição do grupo inicial de entrevistadas desta pesquisa deu-se a partir da lembrança de professoras que não estavam presentes no momento do relato, mas que faziam parte da memória da professora entrevistada.

O conteúdo das lembranças se explicaria “pelo fato de que elas se encontram no ponto de cruzamento de duas ou várias séries de pensamento, pelas quais elas se relacionam a tantos

grupos diferentes.” (HALBWACHS, 1990, p.42). Ainda, segundo o autor, a memória individual está estritamente correlacionada à memória coletiva, metamorfoseando-se conforme o lugar social que o indivíduo ocupa nos distintos grupos dos quais faz parte.

Cabe ressaltar que as entrevistadas estão atualmente, vivenciando outro lugar social dentro da instituição, então, ao serem convidadas a narrar suas experiências, o olhar, as memórias, as lembranças são do passado, perpassadas pelo presente.

A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. (HALBWACHS, 1990, p.71).

Ainda em relação às lembranças, Bosi (1995, p.81) destaca que:

Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição.

Quanto aos documentos escritos que compõem este estudo, buscou-se localizar e identificar documentos que contribuíssem na construção deste trabalho, focando no objetivo proposto. Dentre o material disponível no Arquivo Permanente do Colégio, selecionou-se o Plano Global de 1976 e de 1977. Além dos documentos encontrados no Arquivo, uma possível história do Julinho também pode ser construída através de literatura escrita acerca do colégio, são livros que, por iniciativa privada foram produzidos, em comemoração a datas específicas relacionadas à escola.

Para a compreensão dos documentos orais e escritos, opera-se com o conceito de táticas a partir do entendimento que dele tem Michel de Certeau, que o define:

Chamo de tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como organiza a lei de uma força estranha. (CERTEAU, 1996, p.100).

Com isso Certeau (1996, p.39) esclarece que tática “é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua [...], silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com

produtos próprios, mas nas *maneiras de empregar*⁷ os produtos impostos por uma ordem [...] dominante.”

A tática é a arte dos fracos, pois, segundo Certeau (1996), quanto maior o poder, tanto menos pode permitir-se mobilizar uma parte de seus meios para produzir efeitos de astúcia; o poder se acha amarrado a sua visibilidade. Portanto, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas. Ele consegue momentos oportunos, que em uma escola para o professor poderiam ser os recursos materiais, quadro, giz, a disposição do aluno em aprender, os conteúdos a serem trabalhados. No entanto, a síntese intelectual tem por fama não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a ocasião, por isso, com a tática joga-se constantemente com os acontecimentos, com o terreno que lhe é imposto, a tática é movimento.

Opera-se também, com o conceito de representações, de Roger Chartier, como um meio de compreender as práticas estabelecidas no cotidiano do Colégio em tempos de repressão e pouca liberdade de expressão, observando quais representações as professoras utilizavam para atitudes consideradas subversivas na época.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (CHARTIER, 2002, p.17).

Assim, as narrativas das professoras, que compõem este estudo, são representações referentes ao período estudado, “são esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro torna-se inteligível e o espaço decifrado. ” (CHARTIER, 2002, p. 17) ou seja, as representações como o grupo de professoras, de acordo com os seus interesses pedagógicos e ideológicos, percebem, compreende e forja o mundo social que integra.

A ditadura civil-militar no espaço do Colégio Júlio de Castilhos

⁷ Grifo do autor.

O período da ditadura civil-militar eclodiu de diferentes formas no território brasileiro, apresentando-se mais impactante em alguns lugares a outros. Assim, no estado do Rio Grande do Sul, não foi diferente. Composto por um extenso território, o Estado possui diversos municípios, onde diferentes manifestações foram percebidas e vivenciadas.

Durante a ditadura, dois movimentos sofrem forte repressão: o movimento sindical e o movimento estudantil. Visto que, os sindicatos haviam sido atuantes nas mobilizações pelas reformas de base, durante o governo de João Goulart. Os estudantes, assim como os trabalhadores, também foram ativos contra a repressão imposta pela ditadura. Todavia, as atitudes eram vistas e coibidas constantemente pelo governo.

Em 1968, o Julinho liderou o movimento secundarista. Como resultado, seis alunos foram expulsos, dentre eles Luiz Eurico Tejera Lisboa⁸. Em virtude dessas lutas, o Colégio adotara desde então um forte esquema repressivo, com a presença de policiais e informantes no interior da escola. (BORTOT, GUIMARAENS, 2008).

Nos primeiros anos de ditadura, repercussões do período ditatorial já refletiam no Colégio Júlio de Castilhos, e afastamentos ocorriam na Instituição, como os casos do professor Décio Floriano e da professora Eugênia Grimberg que foram afastados da docência por apresentarem atitudes transgressoras e subversivas na época. Tais fatos foram apenas mencionados pelas professoras participantes desta pesquisa, visto que elas ingressaram no Colégio após o ocorrido, mencionaram, mas não vivenciaram e nem conviveram com os professores.

A instauração da ditadura civil-militar no Brasil em 1964, repercutiu nos mais variados setores, seja no âmbito social, educacional ou cultural. No Colégio Júlio de Castilhos, nota-se que práticas dos professores logo foram observadas, vigiadas e que alguns professores que lá atuavam, sofreram as consequências do período ditatorial, demonstrando que a liberdade de expressão estava reduzida, também, nos bancos escolares.

⁸ Luiz Eurico Lisboa, aluno do Colégio Júlio de Castilhos, militante e desaparecido no período da ditadura civil-militar.

“Eu, honestamente, não senti nenhuma pressão”⁹: práticas pedagógicas e espaços de subversão

José Saramago escreveu uma vez que “somos a memória que temos, sem a memória não saberíamos quem somos¹⁰”. Como já citado, professoras rememoraram suas vivências do período da ditadura civil-militar, e mesmo que o esperado em relação ao período analisado, fosse relato de lutas e batalhas diárias dentro da sala de aula, por meio de discursos inflamados, visto que o Colégio se caracterizava como tal para alguns que conheciam a Instituição, a realidade e a memória operam de formas bem distintas.

Nos relatos das professoras surgem elementos que demonstram que mesmo percebendo a situação restritiva de suas práticas, as professoras reagiam às situações ou não. Uma vez que, suas percepções sociais produziam “estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.” (CHARTIER, 2002, p. 17).

Através de táticas as professoras do Colégio Júlio de Castilhos conviviam com as situações impostas no Colégio por conta da ditadura, pois “são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo – as circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço.” (CERTEAU, 1996, p. 102).

“Eu honestamente não senti nenhuma pressão”, assim começa o relato da professora Ruth, no dia 09 de julho de 2014, apesar da questão inicial do roteiro de entrevista, não ter qualquer relação com sentir-se pressionado ou ter vivido algo heróico na época. Essa frase

⁹ Entrevista concedida à Luciana Vivian da Cunha por Ruth Bulhões. Porto Alegre, 09 de julho de 2014.

¹⁰ Trecho inicial do texto “Recordações” de José Saramago. Disponível em: <caderno.josesaramago.org> Acesso em: 25 out. 2015.

demonstra que o lembrar é único, intransferível e pessoal, e o lugar social que vivemos, está diretamente relacionado às vivências e lembranças que teremos.

Além disso, para Ruth o fato do período da ditadura civil-militar ser citado, já se referia a relatos de opressão, Chartier (2002, p.17) afirma que as percepções sociais de uma determinada situação não são de forma alguma discursos neutros, “daí, para caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.”

As entrevistas foram realizadas individualmente, em dias distintos, porém identifica-se uma teia de memórias em que uma relata a outra colega, firmando assim, embora singular, a coletividade da memória. A memória é tecida por retalhos de fatos que aconteceram com elas e com os outros colegas no Colégio Júlio de Castilhos, é, portanto, segundo Halbwachs, memória coletiva.

A professora Neiva, ao relatar sobre um fato ocorrido com a sua colega Ione, recorda como se envolveu com o fato, tentando solucioná-lo, utilizando-se de conhecidos e como isso mobilizou os colegas de forma geral, a maioria estava solidária a colega, que estava sendo repreendida. Observa-se, também, o papel da mídia censurada na época, envolvendo-se inclusive em fatos escolares, questões ideológicas de professores. No entanto, ao final de sua narrativa Neiva avalia a atitude do jornalista, justificando-a que se configurava como tal, ou por convicção ou por interesse do governo.

“Do final dos 70, início dos 80, acho que isso a Ione te relatou, foi a discussão do jornalista que chamou a Ione de “trotskysta”¹¹, [...]isso nos mobilizou muito, foi muito ruim, e eu me lembrei do P. B¹²., também, que eu fiz um manifesto contra o governo, por uma questão de greve e ele pegou aquele material e apresentou assim, criticando. No outro dia, eu esperei por ele, no escritório dele, era contrária as posições do governo, quando eu escrevo uma coisa, aquilo não é mais meu, o que eu escrevo é de quem pega o papel na mão, “portanto tu podes fazer como tu fizeste, tudo que tu fizeste, mas tu leste mal, tu não sabes ler, porque tu leste ou foste mal-intencionado”, ele não sei, ele foi se apagando, eu liguei pra T.C, foi ex-aluna daqui e era minha vizinha. Digo, T. aconteceu isso e isso...vou te mandar a carta o que ele disse e o que eu fui lá dizer pra ele, mas ela trabalhava com ele no mesmo programa, no mesmo horário, quando foi à noite,

¹¹ Referência a Leon Trotsky (1879-1940), um dos ideólogos que assim como Karl Marx e Antonio Gramsci, influenciaram os movimentos sociais da época.

¹² A identidade de algumas pessoas foram preservadas, por opção da autora.

ele veio: “ontem foi um ato falho, não sei o quê...Daí a T.: “eu bem desconfiei, porque ela não é de fazer essas coisas”, então foi assim, tranquilo... Assim, os jornalistas também tinham um temor, não se colocando por convicção ou por interesse ao lado do governo. ” (Neiva Schäffer. Porto Alegre, 17 de setembro de 2014)

Na narrativa acima, compreende-se que o fato não foi algo que aconteceu diretamente a Neiva, mas algo em que ela se envolveu indiretamente em prol de uma colega, usando de suas influências com conhecidos no meio da comunicação. Outro aspecto a destacar, é que, o tal acontecimento, foi relatado pela professora Ione, mas não tão em detalhes e com tanta ênfase quanto como pela professora Neiva. Dessa forma, “para que a memória dos outros venha assim a reforçar e completar a nossa [...] é preciso que as lembranças desses grupos não deixem de ter uma relação com os acontecimentos que constituem meu passado.” (HALBWACHS, 1990, p.98).

A professora Ione, ao narrar o fato a seguir pegou sua caixa de colorir, e como escrito na poesia Álbum de colorir de Mário Quintana (2009, p.159), coloriu suas memórias dizendo: “*teve tanta coisa boa, aliás eu não me lembro de coisa ruim, vou te confessar.*” O paradoxo entre bom e ruim entrou em cena, mesmo não sendo mencionado que a memória deveria ser marcada com um dos adjetivos. Todavia, em seguida da fala, Ione faz um longo e emblemático relato, emocionando-se.

A situação expõe sua relação com os alunos, todavia em uma situação fora da sala, através de sua narrativa percebe-se sua compreensão de relacionamento de adulto com o jovem, de autoridade com as pessoas:

“Houve uma ocasião em que os alunos estavam correndo pelo corredor, prendendo o diretor e chamaram a polícia. E claro, polícia em escola nunca é bom, porque mesmo que o policial tenha as melhores intenções de acalmar as coisas, a própria farda, a própria uso de arma, cacetete, isso aí assusta. E a gurizada fica mais agressiva, fica mais em pânico, e as pessoas em pânico fazem coisas que até elas duvidam. ” (Ione Osório. Porto Alegre, 02 de julho de 2014).

Em sua narrativa, Ione justifica a prisão dos alunos, a sua impressão em relação à atitude dos policiais, e alerta que o cuidado prevenia “*represálias piores*”:

“Foram presos, porque estavam criando confusão no Colégio, arruaça, que realmente eles estavam fazendo, só que não precisam fazer, tanta violência, eles entraram aqui batendo com aqueles cacetetes para assustar a gurizada, eles batiam com aqueles cacetes naquelas ...a parte de cima é tudo vidro e na parte de baixo é um alumínio [...] e fazia um barulho horrível, era mais pra assustar.” (Ione Osório. Porto Alegre, 02 de julho de 2014).

A defesa dos alunos adolescentes, a luta pelo direito de liberdade, a não-violência, permeiam a narrativa da professora Ione, nota-se que o envolvimento do professor ia para além das paredes da sala de aula. Sabe-se que educar não é uma tarefa fácil e tão somente restrita a conteúdos, isso se mostra no relato de Ione, e assim a professora justifica as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 2002) diante da situação de opressão policial apresentada.

Ione envolvia-se em outras práticas dentro da escola, além de professora, era coordenadora do Grêmio Estudantil, e também presidia na década de 1970, o Centro de Professores Júlio de Castilhos¹³, tornando-se porta-voz do Julinho, já que o Colégio era visado pela imprensa na época. O Colégio Júlio de Castilhos configurava-se como uma referência das instituições de ensino, segundo Ione, era o primeiro espaço educacional a ser consultado a respeito de assuntos recorrentes na época relacionados ao magistério. Como relata:

“Eu, por exemplo, fui eleita mais de uma vez presidente do Centro de Professores, que também era como um grêmio político, e qualquer coisa que acontecia de magistério, de greve a imprensa vinha aqui ver como estava o Julinho, filmava as salas e eu era Presidente do Centro e dei várias entrevistas.” (Ione Osório. 02 de julho de 2014).

Ione prossegue rememorando como a ocupação de um cargo de visibilidade e representatividade de professores, gerava consequências nem sempre positivas, e que reprimendas em relação a suas atitudes ou falas existiam, principalmente, oriundas de autoridades de dentro e fora da escola:

¹³ A criação do Centro de Professores Júlio de Castilhos foi no ano de 1947.

“De vez em quando tinha “os puxões de orelhas”, às vezes até o diretor, a própria direção da escola, às vezes outras autoridades, tinha um oficial de exército que era muito amigo do meu marido e ele dizia “pelo amor de Deus, diz pra Ione ficar quieta, se ela for presa tu me avisa”, mas nunca aconteceu nada disso, era um medo que passava, era um medo de várias condições. ” (Ione Osório. 02 de julho de 2014).

As repercussões ditatoriais também ocorriam dentro da sala de aula, percebendo-se tais fatos por meio de um livro didático, de um recurso disponível, ou até mesmo um aluno fora do padrão.

“Teu manejo de conteúdo é o teu manejo.” Neiva, em sua fala, expressa como manejava o seu conteúdo de Geografia, diante de dados presentes em livros didáticos financiados pelo Governo. A professora relata a falta de informações sérias e como isso influenciava na prática docente durante o período ditatorial:

“Teu manejo de conteúdo é o teu manejo, o risco era a falta de informação segura pra ti trabalhar o conteúdo. Vou te dar um exemplo: havia um período da ditadura que não tinha informações sérias: em 1974, houve uma epidemia de meningite no Brasil, as famílias não sabiam, então tu queres trabalhar com saúde, quando uma ditadura não pode se mostrar como doente, porque ela está mal, então tu eliminas estes dados, a educação não pode ir mal, então tu eliminas a reprovação, tu não tens dados. Então, muitos professores talvez não tivessem essas informações, tu não podes culpar o magistério... são situações, são informações que estão disponíveis hoje na democracia, que estão nos livros e que na época com outros livros escolhidos, com livros didáticos. ” (Neiva Schäffer. Porto Alegre, 17 de setembro de 2014).

Já a professora Ilse, indica em sua narrativa, os embates orais que produzia com alguns alunos ao ser questionada sobre política, por exemplo:

“A gente via que tinha pessoas estranhas fiscalizando as salas de aula, sentadas entre os alunos, e eles me perguntavam: “O que a senhora pensa da política? ”, eu saía na tangente assim: “meu filho, têm duas coisas que eu não falo: política e religião, o resto pode me perguntar qualquer coisa. ” Eu nunca expus as minhas ideias, porque eu sabia que era perigoso. ” (Ilse Hahn. Porto Alegre, 24 de novembro de 2014.)

Observa-se nos relatos que “combates linguísticos” (CERTEAU, 1996, p.103) ocorriam entre as professoras e os supostos infiltrados no Colégio para observá-las, gerando

assim um “jogo de forças” (CERTEAU, 1996, p.103) entre os observadores do governo, que queriam vigiar e regradar as professoras de acordo com os interesses do regime ditatorial, e as professores que tinham a autoridade e propriedade para o desenvolvimento de suas aulas.

Além disso, Neiva indica em seu relato uma “hábil utilização do tempo” (CERTEAU, 1996, 102), uma vez que se utilizava de suas aulas para expor dados que julgava pertinentes e verdadeiros, contrariando assim, os dados apresentados pelo governo nos livros.

Um dos pontos abordados ao longo da entrevista foi acerca dos recursos didáticos disponíveis na época. Assim, Ione narra a respeito de um setor especializado para a produção de materiais para os professores, e como isso facilitava, junto a essa memória, fala do início dos cursos profissionalizantes, já que para a inserção dos mesmos na escola, espaços tiveram que ser criados e materiais adquiridos.

“Tinha o SRT (serviço de recursos audiovisuais) lá a gente podia pedir cartazes, tinham pessoas que faziam cartazes, tinha retroprojeter, passava as provas no mimeógrafo, tinha mapas, mas, a gente tinha que carregar de uma sala para outra, tinha recursos[...]

Lecionava tanto para o clássico como para o científico, depois houve a reforma do ensino, em que era obrigatória a parte profissionalizante, aí é que vieram os materiais de laboratório. ” (Ione Osório. Porto Alegre, 02 de julho de 2014).

Contudo, a professora Ilse inicia sua narrativa expondo duas ferramentas básicas para qualquer professor:

“Olha, aquela época a gente tinha o giz, a voz e eventualmente eu dava aula nos locais que eu escolhia o filme [...] Alguns filmes que tinha no Colégio, o que eu podia aproveitar e, às vezes, eu mostrava através do projetor. ” (Ilse Hahn. Porto Alegre, 24 de novembro de 2014).

Tal escassez de material, conforme descrita no relato da professora Ilse, talvez possa ser justificada através de um problema do Colégio exposto no Plano Global de 1976-77 em que diz: “O Colégio Estadual Júlio de Castilhos dada a sua dimensão e o número de alunos que abriga, luta com dificuldades financeiras que refletem na sua administração.” (p.14). E tem como objetivo: “suprir, ao menos em parte, suas necessidades financeiras.” (p.14). Na década de 1970, o Colégio Júlio de Castilhos contava com aproximadamente 5.000 alunos,

pois após a Reforma de Ensino¹⁴, passou a receber alunos oriundos de outras escolas, que ingressavam no Colégio para cursar o Científico.

Não há como definir, o que é mais importante, ou o mais verdadeiro diante das memórias de outrem, são possíveis versões, de possíveis histórias narradas no presente de fatos ocorridos no passado, pois “a história não é todo o passado e também não é tudo o que resta do passado.” (HALBWACHS, 1990, P.86).

Sendo assim, a partir das memórias das professoras, percebe-se em suas vivências, que o envolvimento com os alunos, seja defendendo-os ou conscientizando-os de sua realidade, é de suma importância em um período de resistência e opressão.

Uma vez que, o professor como mediador de aprendizagem, torna-se muitas vezes, formador de opinião não somente a respeito de conteúdos relacionados à sua disciplina, mas também, à política, à cidadania, oportunizando, dessa forma, a seus alunos uma formação de consciência crítica acerca de diversos assuntos que compõem seu espaço.

Percebe-se que as práticas das professoras se davam dentro e fora da sala de aula, que o envolvimento com os alunos era para além dos conteúdos de sua disciplina, envolvia questões emocionais e ideológicas, misturando-se às vezes, com luta política, dependendo das representações elaboradas de cada ato, ao rememorar o ocorrido.

Considerações finais

Por ser um Colégio com certa visibilidade na sociedade gaúcha, o Colégio Júlio de Castilhos tornava-se, muitas vezes, referência educacional para a imprensa, em assuntos relacionados ao magistério, fato que fazia com as professoras se tornassem vigilantes de suas atitudes, como prevenção de possíveis represálias futuras.

As repercussões e as representações da ditadura dentro do ambiente escolar ocorreram de variadas formas como a percepção dos dados não confiáveis apresentados no livro didático, o aluno diferenciado em sala de aula, e os próprios diálogos estabelecidos com os alunos.

¹⁴ BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692.htm> Acesso em: 01 de maio de 2016.

Observava-se, na maioria das vezes, como, com quem e o que dialogar “*eram pessoas que mais, na minha percepção que mais nos orientavam a não nos movimentar, a ficar calmos, muitas vezes nos aconselhavam*”¹⁵, pois, pessoas assim, poderiam ter problemas com o governo. Em suma, violências eram presenciadas, ouvidas, ou contadas relacionadas à repressão ditatorial, então quem se precava, cuidando-se, talvez não sofresse as consequências.

Além disso, ao rememorar acerca de um ambiente escolar, onde múltiplos atores passam, torna-se inevitável uma história perpassar e fundir-se a outra, compondo dessa forma, uma memória coletiva, como relatado pelas professoras. No que diz respeito às práticas pedagógicas, as ex-professoras relatam como conviviam com as condições impostas pela ditadura, dentro do Colégio Júlio de Castilhos. Eram situações que refletiam dentro e fora da sala de aula, assim, muitas vezes, utilizavam-se de táticas para contornar ações do governo.

FONTES ORAIS

Entrevista concedida à Luciana Vivian da Cunha por Ione Osório. Porto Alegre, 02 de julho de 2014.

Entrevista concedida à Luciana Vivian da Cunha por Neiva Schäffer. Porto Alegre, 17 de setembro de 2014.

Entrevista concedida à Luciana Vivian da Cunha por Ruth Bulhões. Porto Alegre, 09 de julho de 2014.

Entrevista concedida à Luciana Vivian da Cunha Ilze Lindemann Hahn. Porto Alegre, 24 de novembro de 2014.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

AMADO, Janaína. **O grande mentiroso**: Tradição, veracidade e imaginação em História Oral. In: História, São Paulo, p. 125-136, 1995.

¹⁵ Entrevista concedida à Luciana Vivian da Cunha por Neiva Schäffer. Porto Alegre, 17 de setembro de 2014.

BORTOT, Ivanir José; GUIMARAES, Rafael. **Abaixo a repressão: Movimento Estudantil e as Liberdades Democráticas**. Porto Alegre: Libretos, 2008.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. DIFEL, 2002.

CHARTIER, Roger. **O Mundo como representação**. Revista Estudos Avançados 11 (5), p.173-191, 1991. HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Pulo: Vértice, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Pulo: Vértice, 1990.

MAGALHÃES, Justino. **Contributo para a história das instituições educativas – entre a memória e o arquivo**. In: FERNANDES, Rogério e MAGALHÃES, Justino (Org.). Para a história do ensino liceal em Portugal – Actas dos Colóquios do I Centenário da Reforma de Jaime Moniz (1894- 1895). Braga: Universidade do Minho, 1999, p. 63-77.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p. 200 – 212.

QUINTANA, Mario. **Caderno H**. São Paulo: Editora Globo, 2009.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, Belo Horizonte: UFMG, 2007.



XIII Encontro Nacional de
História Oral

História Oral, Práticas Educacionais
e Interdisciplinaridade

01 a 04 de maio 2016 Associação Brasileira de História Oral Universidade Federal do Rio Grande do Sul